

EMILIA FERREIRO E SEU REPRESENTANTE PENSAMENTO CONSTRUTIVISTA**EMILIA FERREIRO AND HER REPRESENTATIVE CONSTRUTIVIST THINKING****Antonio Kleber Cardoso da Silva**¹**Antonio Pimentel Carvalho**²**Gessé Feitosa da Costa**³**RESUMO**

O presente artigo está focado no pensamento da psicolinguista Emília Ferreiro, que causou grande impacto no meio educacional brasileiro ao lançar, no Brasil, seus livros a partir dos meados da década de 1980. Sua ideia teve muita repercussão sobre a concepção que se tinha sobre a alfabetização, que era centrada no método tradicional de ensino. O objetivo deste trabalho é apresentar o legado construtivista da autora que se tornou um tipo de referência na educação brasileira e passou a ser associada ao construtivismo que é uma forma de conceber o conhecimento baseado nos conceitos do biólogo suíço Jean Piaget. Procurando verificar o modo como acontece o processo de apreensão da leitura e da escrita pela criança, tem-se em conta que o conhecimento exposto nesse artigo seja de importância vital para todo educador que busca entender mais sobre a alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização; construtivismo; educação; leitura; escrita.

ABSTRACT

This article focuses on the thinking of the psycholinguist Emilia Ferreiro, who caused a great impact in the Brazilian educational environment when she launched her books in Brazil in the mid 1980s. Her idea had much repercussion on the conception of the literacy, which was centered on the traditional method of teaching. The aim of this work is to present the constructivist legacy of the author who became a reference type in Brazilian education and came to be associated with constructivism that is a way of conceiving the knowledge based on the concepts of the Swiss biologist Jean Piaget. Looking to verify how the process of apprehension of reading and writing by the child happens, it is taken into account that the knowledge exposed in this article is of vital importance for any educator who seeks to understand more about literacy.

KEYWORDS: literacy; constructivism; education; reading; writing.

¹ Mestre em Ciências da Educação, pela ESEJD (Portugal). Graduado em Letras, pela Faculdade de Educação São Francisco (FAESF). Bacharelado em Direito, pela Faculdade CET de Teresina – PI. Especialista em Língua Portuguesa, pela Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED), Especialista Língua Inglesa, pela Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar, pela Faculdade de Teologia Hokemãh Fateh (FATEH). Formação em Mediação e Arbitragem, pela CMA/OAB-PI/ESA. Professor na Rede Estadual e Municipal de Educação do Maranhão. Proficiente na seara educacional com relevo em Educação Básica e Superior, Metodologia da pesquisa científica, Linguística, Língua e Literatura Brasileira, Língua e Literatura Inglesa. Técnico em Contabilidade. Poeta e Escritor. **E-mail:** poetakleber@hotmail.com

² Mestre em Ciências da Educação pela ESEJ (Portugal). Graduado em matemática pelo CEFET (Centro Federal De Educação Tecnológica Do Maranhão). Pós- graduado em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio com ênfase em Química pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia Darwin. Especialista em Gestão e Supervisão Escolar, pela Faculdade de Teologia Hokemãh Fateh (FATEH). Professor na rede municipal de educação nas áreas de matemática e língua estrangeira (inglês). **E-mail:** pimentelcarvalho08@gmail.com

³ Mestre em Ciências da Educação pela ESEJ (Portugal). Graduado em Letras pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF. Especialista em Língua Portuguesa e Língua Estrangeira (Inglês) pela Faculdade de Ciência e Educação do Caparaó (FACEC). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade de Teologia Hokemãh – (FATEH). Professor da rede municipal na cidade de Igarapé Grande- MA. **E-mail:** ges_sefeitosa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A educação infantil é considerada a primeira etapa do ensino básico. É um estágio muito importante para a formação do cidadão, pois é a fase na qual ele dá início a convivência fora do seio familiar e onde ele aprende a conviver com as diferenças e tem o primeiro contato sistematizado com a leitura e escrita. Nessa delicada fase da criança, é muito considerado o modo como ela vai se apropriar dos códigos linguísticos.

Considerando que na educação infantil é primordial o assunto da alfabetização, o objetivo deste trabalho é mostrar o legado construtivista de Emília Ferreiro no que diz respeito a compreensão do sujeito frente ao universo linguístico, pois esta autora trouxe novas maneiras de encarar o desenvolvimento da escrita. Com seus estudos em parceria com Ana Teberosky, percebe-se que o sujeito aprendiz passa por etapas até chegar a entender de forma satisfatória a escrita, e que o professor necessita estar preparado para acompanhá-lo e fazer o processo ocorrer de modo natural, ao contrário da forma tradicional de alfabetização em que o professor era considerado o verdadeiro dono do conteúdo e via o aluno como um simples receptor coagido a decorar sílabas, se tornado um recebedor mecânico e não se apropriando de experiências interativas que lhe dão licença para olhar e dar significado à sua produção textual. As práticas pedagógicas no viés da filosofia tradicional, atualmente, não são bem vistas para aqueles que se centram em uma pedagogia progressista.

Neste trabalho é mostrado um pouco da vida de Emília Ferreiro com ênfase em sua obra *Psicogênese da Língua escrita* que traz verdadeiras contribuições acerca de como alfabetizar, assunto que constantemente deveria ser olhado com mais relevância no meio educacional.

UM POUCO DE EMÍLIA FERREIRO

Emília Beatriz Maria Ferreiro Schavi (1937 -) é uma argentina nascida na cidade de Buenos Aires. É formada em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires e fez seu doutorado na Universidade de Genebra, onde foi orientada por Jean Piaget, como também mais tarde, nesta mesma instituição trabalhou como pesquisadora-assistente do estudioso suíço. Começou seus trabalhos na Argentina em parceria com Ana Teberosky. Transferiu-se para a Cidade do México, onde passou a dar aulas no Instituto Politécnico Nacional. Ela foi uma exímia escritora. *Psicogênese da Língua Escrita* (1986) foi seu primeiro livro traduzido no Brasil, obra que trouxe uma enorme revolução nos conceitos relacionados à alfabetização.

Em 1979, publica o livro *Los Sistemas de Escritura em el Desarrollo del niño*. Em 1982, publica com Margarida Gómez Palácio o livro *Nuevas Perspectivas sobre los Procesos de Lectura y Escrituras*. Em 1985, é lançado *La alfabetización em Proceso* e em 1989 é a vez de *Los Hijos del Analfabetismo*.

O pensamento de Ferreiro foi decisivo para a hegemonia do construtivismo. De acordo com Revah:

A maioria dos trabalhos acadêmicos considera a obra de Piaget e os trabalhos de Emília Ferreiro como a primeira e legítima fonte de tudo o que merece ser chamado de construtivismo. E eles sem dúvida, constituem a mais importante fonte teórica dos discursos pedagógicos construtivistas, a sua fonte científica, com a forte inscrição que essa marca deixa. Sem ela não seria possível falar do construtivismo. Piaget, Emília Ferreiro, construtivismo e ciência fazem parte de um mesmo discurso e nele são termos intercambiáveis, pois fixam e ocupam o mesmo lugar. (Revah, 2004, p. 107)

A citação acima destaca ambos os pensadores como ícone dos discursos construtivistas, pois são reconhecidos no meio pedagógico por suas ideias inovadoras constantemente na busca de um olhar ideal para sanar as deficiências encontradas no ensino. As

concepções deles são guiadas pelo princípio de que o aluno tem um papel ativo no processo de aprendizagem, que para ser compreendido existe uma fonte científica que elucida a formação de novas propostas pedagógicas a fim de trazer uma luz à ação docente.

O movimento Escola Nova pregava a valorização da atividade da criança, focando em uma educação que fosse investigadora das mudanças ocorridas na sociedade. Para formular suas propostas, Ferreiro degustou dos ideais escolanovistas e principalmente das teorias de Piaget que enxergava o aluno como um sujeito ativo. Como ela mesma relata no início do seu livro *Alfabetização em processo* (2006, p.9) “Em todas as minhas apresentações e publicações anteriores tenho afirmado que a teoria de Piaget foi minha principal fonte de inspiração para a pesquisa sobre leitura e escrita.”

O CONSTRUTIVISMO NA ALFABETIZAÇÃO: PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

A alfabetização foi um assunto muito discutido na América Latina nos anos 1980. Em 1986, Emília Ferreiro juntamente com Ana Teberosky lança um livro chamado *Psicogênese da Língua Escrita* que segundo Azenha (2006, p.43) “Foi uma grande revolução conceitual nas referências teóricas que se tratava de alfabetização até então.” Nesta obra está contida uma coerência com a realidade educacional existente nos países latinos americanos. Nele é exposto que os setores marginalizados da sociedade são os mais atingidos de modo cruel pelo fracasso do ensino primário.

As autoras trazem um tema que Piaget não se centrou: o aprendizado da língua escrita. De acordo com Azenha (2006, p.43) “Do ponto de vista teórico, as pesquisas de Ferreiro e Teberosky trazem uma contribuição original. Tomam como objeto de estudo um conteúdo ao qual Piaget não se dedicava.” O objetivo delas é trazer uma nova ótica para o ensino dessa área. Suas pesquisas colocam o aluno no âmago do processo educativo, sendo assim, elas acreditam que ele possui seu

próprio mecanismo de observar a escrita. Com isso, a criança antes de adentrar a escola já possui hipóteses sobre o código escrito.

Na primeira edição da *Psicogênese da língua escrita* as autoras dizem:

Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que, além dos métodos, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição do conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia.

Seus estudos foram fundamentados em elementos psicolinguísticos. As autoras querem quebrar a concepção linear que se faz do processo de aprendizagem. De acordo com seus ideais a escrita é tida como um objeto de conhecimento, de construção, de investigação e dinâmico. Logo, vê-se que o construtivismo ligado a Ferreiro não se reduz a um método, mas se deixa guiar pelo caminho que leva o aluno a construir seu próprio conhecimento. Como relembra Silva (2017, p.27) “Ela ressaltou a importância da escola e mudou o foco da educação centrado no “como se ensina” para o “como se aprende.” Ferreiro edificou uma proposta pedagógica com foco na camada mais pobre da sociedade, porque para ela a educação é a chave para uma mudança social. Em 1989, ela fala a Revista Nova Escola do grande valor de se ater ao tema alfabetização em condições de pobreza como uma chance de mudança social. A revista pergunta a ela por que seu trabalho é conduzido especialmente aos menos favorecidos, quando a classe média também apresenta déficit de aprendizagem. E ela responde:

Há muitas experiências interessantes e benéficas em escolas de classe média que também me interessam. Mas quero

assinalar o seguinte: 1990 será o Ano Internacional da Alfabetização e quando se analisa a distribuição do analfabetismo no nosso continente encontramos sempre o mesmo fenômeno. A maior quantidade de analfabetos se localiza nos setores rurais, nos setores indígenas e nos setores mais pobres da população. (Ferreiro, 1989).

Ainda é muito grande o número de crianças que não sabem distinguir o desenho das letras, e isso na maioria das vezes está relacionado à crianças de classe baixa que não tem acesso a livros, jornais e revistas. É a esse público menos privilegiados que a estudiosa centralizou seu estudo, que se tornou uma crítica ao ensino verticalizado, cujo cerne está na predominância do autoritarismo, deixando a margem os processos cognitivos e suas relações psicossociais.

Na metodologia tradicional o professor passa o conteúdo aos alunos baseado na união de simples sílabas, sons memorizados e cópia. Esta maneira torna o aluno passivo, ou seja, não participante do processo de conhecimento. Agindo desta forma, os professores não estão aptos a entender as dificuldades que as crianças têm ao tentar tomar para si a leitura e a escrita. O trabalho com a educação infantil requer que o professor tenha uma competência polivalente, isto significa que ele tem que saber lidar com assuntos de natureza diversas que abarcam os cuidados essenciais e até os conhecimentos particulares de várias disciplinas. Este ar polivalente exige que os docentes tenham uma formação profissional que deve torná-lo também aprendiz, refletindo de quando em quando sua prática, e assim buscar informações precisas para o seu ofício. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998, p.41) “São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças: a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.” Sabe-se que é de maneira heterogênea que a criança faz crescer suas capacidades, pois a educação cria condições para seu desenvolvimento. E para alcançá-lo é preciso uma atuação que dar margem as capacidades de ordem

física, afetiva, cognitiva, ética, interpessoal e social. A capacidade física está ligada ao aprimoramento das potencialidades corporais e a aplicação do corpo na expressão da emoção. A habilidade cognitiva está focada no ato de pensar e usar o pensamento para a resolução de problemas. A afetividade está centrada na edificação autoestima e ao convívio social, como também a compreensão de si mesmo e dos seus semelhantes. A estética é a representação artística e a apreciação desta. A capacidade interpessoal diz respeito às condições para o conviver social, ou seja, é preciso saber entender as diferenças. A inserção social é a capacidade que cada criança de se reconhecer como participante de um grupo ou de uma comunidade. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil (1998, p.13) “Para que essas habilidades possam contribuir para o exercício da cidadania, é preciso que elas estejam embasadas em princípios.”

Como todo ser humano a criança é um ser social e histórico e faz parte de uma família que está introduzida em uma sociedade. Seu primeiro ponto de referência é a família. É com as interações que elas revelam um esforço para entender o mundo que a cerca, utilizando as mais diversas linguagens e exercendo a habilidade de terem um pensamento acerca daquilo que desejam aprender. Nesta linha, é a partir das interações com outras pessoas e com o meio em que atuam é que a criança dá significado ao seu mundo. “Ao dar significação ao seu pequeno universo é que ela desenvolve a sua autoestima, que se origina da interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo.” (Referencial Curricular da Educação Infantil, 1998, p.30). Nesse processo é necessário que um adulto deposite confiança nela e crie situações educativas que possam transparecer suas capacidades em todas as áreas do currículo escolar.

A aquisição da linguagem tem ocupado a mente de muitos estudiosos. Para o linguista norte-americano Noam Chomsky a linguagem é inata e está acima de qualquer outra habilidade humana, segundo ele, o meio

ambiente só oferece o *imput* linguístico à criança. No inatismo de Chomsky, todos nós possuímos um mecanismo que faz desabrochar o que já está internalizado. O canadense Steven Pinker, influenciado pela ideia de Chomsky colocou a aprendizagem da linguagem como um instinto. Na qualidade de cognitista, ele descreve a linguagem como uma faculdade psicológica, um órgão mental ou um módulo computacional.

A aprendizagem da língua escrita não é um processo linear, há evoluções e involuções no desenvolvimento de cada criança. Os gestos são muito significantes no aprendizado, eles são modos de simbolizar atos e sentimentos dentro do imaginário. Conforme Vygotsky, 1998, p.141) “O gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita, assim como uma semente contém um orvalho.” A criança desde que nasce começa a estabelecer relação com o mundo que a cerca. É na inteligência interpessoal que ela vai se comunicando, em princípio por uma linguagem que se concretiza no choro, gestos, etc. É na fase que Luria chama de marcas tipográficas que o sujeito vai registrando rabiscos no papel, esses registros ainda não são signos, mas podem ajudar no entendimento da informação. Nesta perspectiva, o desenho ocupa o lugar da palavra. Tomando como base o desenvolvimento da escrita pela criança, Luria diz:

O que o desenvolvimento da escrita na criança prossegue ao longo de um caminho que podemos descrever como a transformação de um rabisco não diferenciado para um signo diferenciado. Linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, e que estas dão lugar a signos. Nesta sequência de acontecimentos está todo o caminho do desenvolvimento da escrita tanto na história da civilização como no desenvolvimento da criança. (Luria, 1986, p.161)

É primordial que o professor conheça como se dá o processo de construção da escrita, para assim fazer

mediações necessárias a fim da criança se apropriar do sistema escrito, pois ela nasce com uma aptidão para aprender com seus iguais e com pessoas da geração adulta, uma vez que somos um ser social e a experiência em sociedade é fonte de progresso. Como ressalta Dewey (1979, p.4) “Os homens vivem em comunidade em virtude das coisas que tem em comum. E a comunicação é o meio que chegam a possuir coisas comuns.”

As psicolinguísticas Emília Ferreiro e Ana Teberosky deram início em 1974 uma pesquisa sobre alfabetização partindo da ideia que o nascimento do conhecimento se dá através da interação do sujeito com o objeto a ser conhecido. Por meio desse estudo elas evidenciam que a criança antes de adentrar à escola, já faz hipóteses sobre a escrita e essas hipóteses são descritas em estágios linguísticos que seguem a criança até a aquisição da leitura e da escrita. Essas ideias foram divulgadas através da obra **Psicogênese da Língua Escrita**. Em uma mensagem preliminar da obra citada, as argentinas se pronunciam:

Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitos caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que psicologia lecto-escrita esqueceu. (Ferreiro; Teberosky, 1986, p.11)

A pesquisa de Ferreiro e Teberosky tiveram como fundamento a psicolinguística, buscando nessa área o alicerce para a investigação. Elas partem da ideia que todo conhecimento tem uma constituição e

mostram as formas iniciais do conhecimento da língua, como também as formas últimas do domínio da escrita. Com a exposição desses conceitos a criança é tida como um agente construtivista que tem na memória símbolos organizados. Com a noção de como o aluno infantil domina a escrita, Ferreiro pergunta como se dar o domínio da escrita pelo adulto.

No México, em 1983 Ferreiro publica o livro *Los adultos no alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura* (A Construção da escrita pelos adultos). Partindo da concepção que se encontra saberes da língua escrita na criança que ainda não frequentam a escola, os adultos analfabetos do mesmo modo poderiam possuir alguma hipótese acerca da escrita. Nesse viés se percebe que o adulto não alfabetizado não é uma placa em branco, ou uma tábua rasa, ele tem uma patente noção que se escreve é com letras e qual a importância de dominar o código linguístico.

Paulo Freire é uma referência no mundo da alfabetização, principalmente quando se refere a jovens e adultos. Ele diz que para que a compreensão do texto seja alcançada é cabível a união do próprio texto com o contexto. (Freire, 1989, p.11). Conectado com a visão de Freire, fica deduzido que ler não significa só decodificar palavras, mas uma ação que dá chances ao sujeito de se sentir consciente e agente de um espaço em constante transformação. Ele fala de uma metodologia que aborda coisas que fazem parte não somente do universo do professor como também do educando. Foi essa premissa que o educador falou em palavras geradoras para ensinar a ler com consciência.

É perceptível a similaridade entre as propostas de Paulo Freire, Emília Ferreiro e Piaget. A tríade salienta a necessidade de considerar os conhecimentos prévios dos alunos, porque a aprendizagem vem dos atos vivenciados e de olhar o aprendiz como um aluno que age e dar significado ao seu próprio andar a caminho de uma ação construtivista.

Ferreiro em parceria com Teberosky afirmam que para se chegar ao domínio dos signos linguísticos o

sujeito passa por quatro fases: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Há conflitos para passar de uma fase para outra em consequência do contato com a escrita de outras crianças ou de um adulto.

Depois da publicação desta ideia aqui no Brasil o olhar em torno da alfabetização teve uma mudança significativa. Esta afirmação se torna evidente nos Parâmetros Curriculares nacionais de Língua Portuguesa (PCN):

No Brasil dos anos 80, começaram a circular, entre educadores, livros e artigos que davam conta de uma mudança na forma de compreender o processo de alfabetização; deslocavam a ênfase habitualmente posta em como se ensina e buscavam descrever como se aprende. Tiveram grande impacto os trabalhos que relatavam resultados de investigação, em especial a psicogênese da língua escrita. (Brasil, 1997, p.20).

A Psicogênese da língua escrita foi vista aqui no Brasil como uma solução para os problemas educacionais, logo o estado de São Paulo procurou utilizá-la em suas escolas através de cursos de formação para os professores. Neste estado e no Rio Grande do Sul, a Psicogênese recebeu o nome de “Didática do nível pré-silábico” devido as atividades didáticas organizadas e desenvolvidas por Esther Pillar Grossi, em seu livro: *Didática do nível pré-silábico*, no qual ela põe em evidência sua utilização da teoria de Ferreiro:

A didática do nível pré –silábico se caracteriza pela criação de um ambiente rico de materiais e atos de leitura e escrita.[...] não há seleção e ordenação de letras ou palavras para vivenciar [...] as crianças tomam contato com todas as letras e com qualquer palavra [...] alfabetizar-se é muito mais do que manejar a correspondência entre sons e letras. (Grossi, 1985, p.5)

O livro *Aprender a Ler e Escrever* de Ana Teberosky e Tereza Colomer, é resultado que as ideias que as crianças desenvolvem problemas conceituais semelhantes ao que os seres humanos se colocaram ao

longo da história da escrita. (Revista Nova Escola, Anderson Moço, 01 de março de 2009).

HIPÓTESES DAS SÍLABAS

Na hipótese pré-silábica a criança está a frente de um longo caminho a ser percorrido, porque ela não tem ainda noção da ligação entre a língua falada e suas representações. Nessa fase, os traços no papel não têm a intenção de concretizar o registro que busca correspondência sonora, ou seja, não é compreensível o elo entre registro gráfico e o aspecto sonoro da fala. Conforme Silva (2017, p.32) “Cada criança lê em seus rabiscos aquilo que quis escrever e essa leitura é um ato particular dela, mas que ela quer compartilhar.” Este é o momento que somente o proprietário sabe interpretar a sua produção. O pensamento do sujeito nesse estágio é de que ele pode escrever com desenhos e rabiscos pensando que a palavra escrita deste modo representa a coisa a que ele se refere. No instante em que ele perceber a quantidade de vezes que abrimos a boca para dizer uma palavra, ela vai tendo uma breve compreensão da quantidade de letras que merecem ser registradas no papel. Azenha (2006, p. 71) diz que “O uso da hipótese-silábica indica apenas a existência de uma concepção da criança quanto ao caráter da representação realizada pela escrita distante da indicação do evento sonoro da língua escrita.” As características marcantes desta fase é as pseudoletas e o realismo nominal, que se caracteriza pela associação da quantidade de letras ao tamanho real do objeto. Ferreiro (1998, p.198) destaca que “a dificuldade de diferenciar as atividades de escrever e desenhar é apenas momentânea.” O professor com educandos nesse nível está diante da desafiadora tarefa de planejar e produzir atividades que possa atendê-los dentro dessa hipótese que não leva em conta a sonoridade da palavra.

A hipótese silábica é onde é feita a relação entre letras e sons. Uma característica que não está presente no nível anterior. O meio utilizado pela criança é de dar a

cada letra ou marca escrita o registro de uma sílaba que é pronunciada, dessa maneira ela tem uma superação global entre a escrita e a oralidade.

Quando chegada a fase silábico-alfabética há uma mudança: a criança une a hipótese anterior à análise da escrita como fonemas. Comparando com a escrita que segue as normas convencionais, as produções podem representar várias omissões no registro das letras. Esse fenômeno muitas vezes é visto como patológico, indicando que a criança estava com deficiência visual. De acordo com Azenha (2006, p.91) “Se compararmos tais escritas com aquelas decorrentes da concepção silábica, poderemos enxergar a existência de acréscimo de letras à escrita, tentando aproximar-se do princípio alfabético, em que os sons da fala são registrados pelo uso de mais uma letra.”

Os educandos na hipótese silábico-alfabética já têm a noção que a escrita é representação da fala e começam a fazer uma ligação entre grafemas e fonemas. É nessa fase que Ferreiro diz haver um revezamento grafônico, isto é, a criança reveza o uso de duas letras para demonstrar a mesma emissão sonora. O educador tem que olhar esse fenômeno de maneira construtiva, em que paulatinamente o proprietário das palavras vai sendo conduzido a um entendimento mais profundo em relação a sua forma de escrever.

Na hipótese alfabética, a criança já superou os empecilhos que a cercava nos níveis anteriores. Azenha (2006, p. 94) enfatiza que “O que a criança terá alcançado aqui não significa a superação de todos os problemas.” Nessa etapa o educando lança um olhar mais apurado sobre as vogais e consoantes acreditando que a escrita deve representar as palavras faladas com todas as suas letras e sons.

MÉTODO

A metodologia é o caminho percorrido pelo pensamento e envolve ao mesmo tempo o método e a criatividade de quem pesquisa. Como reforça Minayo

(1994, p.16) Ela “ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que o método é a alma da teoria.” Referindo-se a esta parte do trabalho, a autora ainda completa: Nela “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo.” (1994, p. 16).

Este artigo foi desenvolvido através dos estudos bibliográficos e apresenta características diretamente pertencentes a um estudo qualitativo. Ele está ancorado nas palavras de Chizzoti (2006, p.19), ao dizer que “A pesquisa qualitativa reconhece o saber acumulado na história e se investe de interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana.”

O estudo permite aprofundar e discutir determinado assunto, dando ao leitor as dimensões que se destacam em tempos e lugares variados. É através da abordagem qualitativa que os fatos e sua historicidade são conhecidos fazendo com que o sujeito se sinta munido ideias sobre determinado assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é um ser curioso e toma como sua as práticas do mundo que a cerca. Desde muito cedo, ela manifesta um desejo de aprender e isso se mostra nas indagações que faz aos seus semelhantes. Na mais tenra idade, o educando é inserido na linguagem, em consequência, chega o interesse de estudiosos que focam seu estudo no desafio da alfabetização, fase esta fundamental para o desenvolvimento do discente, uma vez que o permite adentrar em um caminhar intenso de aprendizado, convidando-o à uma reflexão sobre a importância do ato de ler e sua ligação com a liberdade. O objetivo deste artigo foi compreender a herança construtivista de Emília Ferreiro no que se refere ao conceito de alfabetização. A atenção a este assunto se tornou efetiva por está diretamente relacionado à área do nosso curso de mestrado, como também por achar de

grande valia para todo educador que se encontra na seara do ensino infantil.

É prontamente compreensível que as concepções trazidas por Ferreiro quebraram paradigmas e deixou eufóricos os educadores da época, por se tratar de representação que contradiz a concepções existentes no seio da sociedade que acreditava na pedagogia tradicional para libertar o reino infantil da escuridão que o esconde do mundo letrado.

A produção deste trabalho nos torna ainda mais ciente do quanto é importante perceber a trajetória realizada por alguém que está começando a se familiarizar com a sistematizada vereda linguística.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. –Brasil: MEC/SEF, 1998. 3 v.

CAMPOS, Nascimeto...[et. al.]; **Saberes pedagógicos e atividade docente**. Selma Garrido Pimenta. (Organização) – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1989.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. – São Paulo: Ática, 1994.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. – São Paulo: Saraiva, 2009.

GROSSI, E. P. **Alfabetização em classes populares: didática do nível pré-silábico**. São Paulo: SE/CENP, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

SAVEDRA, Vera Lucí Alves. **Difusão da perspectiva construtivista na FaE – UFPel (Décadas 80-90)**. Recuperado de <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp038613.pdf>

SILVA, T.T. **Desconstruindo o construtivismo pedagógico. Educação e realidade**. Porto Alegre. 1993.